



1. PROLEGÔMENOS



O Espírito Santo é uma Pessoa Divina e nunca deve ser visto como um espírito criado (que nega a sua divindade) ou, como a mera presença ou poder de Deus (que nega a sua personalidade). Ele é chamado Espírito Santo porque a Sua natureza é eterna e essencialmente santa, e Ele é o autor de toda a santidade no homem.

O Espírito Santo é Deus e é também uma Pessoa. Ele não é uma energia impessoal, uma mente fria, sem personalidade, sem coração. Ele é uma pessoa porque é capaz de sentir conosco as agonias da nossa existência e porque Ele tem uma mente que pensa, e pensa de maneira livre!

Há, aproximadamente, cinquenta títulos atribuídos ao Espírito Santo na Bíblia e cada um deles nos revela um aspecto da Sua pessoa ou obra. Há títulos que revelam o Seu relacionamento com o Pai (Espírito de Deus - Mateus 3.16), Seu relacionamento com o Filho (Espírito de Cristo - Romanos 8.9), Seus atributos (Hebreus 9.14; Romanos 1.4) e Sua obra (João 14.17; Romanos 8.2,15; Hebreus 10.29).

2. ETIMOLOGIA

* **Pneumatologia.** Do grego πνεύματος (pneumatōs = Espírito) + λόγος (lógos = revelação; palavra; discurso; doutrina; raciocínio). O termo significa, então, “doutrina do Espírito (Santo)”.

3. IMPORTÂNCIA DA PNEUMATOLOGIA

O estudo do Espírito Santo de Deus é importante devido a Quem Ele é (sua pessoa), o que Ele fez e ainda fará (sua obra):

- a) **Sua Pessoa** - O Espírito Santo é Deus e aquilo que se conhece verdadeiramente de Deus é o alicerce da religião.
- b) **Sua Obra** - Enquanto o mundo parece somente associar o Espírito Santo ao fanatismo religioso, Ele se mantém ativo em todas as áreas da vida. Ele é o Criador, também trabalha na providência, na natureza, na política, nos talentos humanos, na salvação e no crescimento espiritual. Ele inspirou a Bíblia e agora ilumina nossas mentes para que possamos entendê-la.

Sua vinda ao mundo era tão necessária para a nossa salvação quanto a vinda de Cristo. Sem o Espírito nossa religião é vazia e não temos prova de nossa salvação (Romanos 8.9). O Espírito Santo nos dá vida física, espiritual e ressurreta (Jó 33.4; João 3.5; Romanos 8.11) O Espírito Santo é o autor de tudo que é bom e agradável em nossa existência (Gálatas 5.19-22).

Quando atentamos para a pneumatologia devemos submeter-nos às Escrituras como a nossa única regra de fé e prática. Especialmente no estudo da obra do Espírito Santo onde muitos têm feito de sua própria experiência a autoridade final. Outros afirmam, em nome do Espírito Santo de Deus, terem recebido revelações extra-Bíblicas e a passam a ensinar heresias destruidoras. Em oposição a esse tipo de atitude o apóstolo Paulo foi enfático: *“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho além do que já vos pregamos, seja anátema.”*. (Gálatas 1.8)

4. DEFINIÇÕES DE CORPO, ALMA E ESPÍRITO

Para que possamos ter uma compreensão mais abrangente da natureza e da obra do Espírito Santo é necessário que, de antemão, tenhamos uma compreensão - ainda que superficial - do significado de nós sermos constituídos por corpo, alma e espírito.

4.1. Corpo. Do grego *χρῶς* (Chrós = “o aspecto exterior de um corpo”). O corpo refere-se ao ser humano como algo material, palpável, concreto.

4.2. Alma. Do hebraico *נֶפֶשׁ* (nephesh = pessoa, coração) e do grego *ψυχή* (psyché = “a parte material, invisível do homem”). A alma é a parte em nós que está relacionada às nossas vontades, desejos (aspirações) e sentimentos. É a nossa personalidade, isto é, quem nós somos como pessoa.

O termo “alma” é uma afirmação de inteireza, a totalidade daquilo que significa ser humano. Na língua hebraica, “alma” *נֶפֶשׁ* (nephesh) é uma metáfora, usada para designar “pescoço”. O pescoço é a parte estreita da anatomia que liga a cabeça – o centro da inteligência e do sistema nervoso – ao restante do corpo; é a parte que, literalmente nos mantém “inteiros”. A palavra “alma” funciona como um imã, atraindo todas as partes de nossa vida para a unidade, a totalidade.

4.3. Espírito. Do hebraico *רוּחַ* (rûah = respiração, ar, força, vento) e do grego *πνεῦμα* (pneuma = “respirar, soprar”). O espírito é o que chamamos de “fôlego de vida”, ou seja, é o que nos mantém vivos. O espírito é a parte em nós que está relacionada à nossa consciência (percepção e reflexão), intuição e comunhão com Deus. Quando o espírito humano deixa de estar presente no corpo, o homem morre (cf. Jó 33.4; Salmo 146.4; Eclesiastes 12.7).

O ser humano é uma “alma vivente” formada (e não dividida) por corpo, alma e espírito. Sendo assim, o homem não será uma pessoa **completa** na falta de um destes. Somente completo é que o homem possui uma identidade. E é dessa forma que o apóstolo Paulo define o ser humano: *“E o próprio Deus*

de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” (1 Tessalonicenses 5.23). O ser humano pode ser comparado a uma molécula de água (H₂O) que, se for dividida em H + O + O, deixará de ser água tornando-se apenas átomos isolados.

Mesmo sem o רוח (rûah) e o corpo a alma (parte imaterial e invisível do homem) continua viva pois ela é imortal. Na parábola do rico e Lázaro, ambos estão possuem apenas sua parte imaterial (alma) que é responsável pelos desejos, vontades, sentimentos, aspirações, lembranças...

De forma bem literal, os animais possuem apenas o רוח (rûah), ou seja, o fôlego de vida. Mas esse tipo de רוח (rûah) não permite que os animais tenham **intuição**, mas, sim **instinto**. E também não permite que eles tenham comunhão com Deus como o homem tem. Apenas o homem se tornou **“alma vivente”** (cf. Gênesis 2.7; 1 Coríntios 15.45), pois foi criado à imagem e semelhança de Deus. Os animais são tidos como “seres viventes” (cf. Gênesis 1.20-21,24).

5. DIFICULDADES NA COMPREENSÃO DO ESPÍRITO SANTO

Embora o estudo do Espírito Santo seja especialmente importante, nossa compreensão é em geral mais incompleta e confusa nesse ponto que na maioria das outras doutrinas. Um dos motivos para isso é que temos na Bíblia menos revelações explícitas acerca do Espírito Santo do que encontramos acerca do Pai e do Filho. Em parte, talvez isso se deva ao fato de que uma grande fatia do ministério do Espírito Santo consiste em proclamar e glorificar o Filho (João 16.14). Em contraste com outras doutrinas, não há discussões sistemáticas acerca do Espírito Santo. Na prática, a única discussão ampla é o discurso de Jesus em João 14-16. Na maior parte das ocasiões em que o Espírito Santo é mencionado, ele está relacionado a outro assunto.

Outro problema é a falta de um quadro concreto de figuras. Deus Pai é compreendido de forma bem razoável, por causa da figura do pai que é familiar a todos. O Filho não é de difícil conceituação porque realmente apareceu em forma humana, foi observado e teve sua história registrada. Mas o Espírito é intangível e difícil de visualizar. Para complicar, há uma terminologia infeliz da King James (tradução da Bíblia para o inglês) que se refere ao Espírito Santo como o “Holy Ghost” (Fantasma Santo). Muitas pessoas que cresceram usando essas versões da Bíblia entendem o Espírito Santo como alguma coisa por baixo de um lençol branco.

Na segunda metade do século XX, surgiram controvérsias consideráveis acerca da atividade do Espírito Santo. Por conseguinte, existe alguma relutância em discutir sobre o Espírito Santo, por medo de que tal discussão possa criar dissensões. Uma vez que os pentecostais dão tanta importância ao Espírito Santo, certos não-pentecostais, receosos de serem identificados com os pentecostais, evitam

totalmente tocar no assunto. Alias, enquanto em certos círculos “cristão carismático” é um rótulo de prestígio, em outros é um estigma.

6. O ESPÍRITO SANTO COMO UM SELO

Um selo é usado para afirmar propriedade. A presença do Espírito em um indivíduo é à prova de que o mesmo pertence a Deus. O selo também confirma algo como sendo genuíno ou autêntico. Nós encontramos um exemplo disso no ministério terrestre de nosso Senhor (João 6.27, Isaías 42.1-4). O crente genuíno é reconhecido pelo fato de ser habitado pelo Espírito. (1João 3.24). O principal conceito do selo é a segurança. Veja isso nos seguintes textos: 2Timóteo 2.19, Mateus 27.66, Apocalipse 20.3. Compare Apocalipse 7.4; 14.1.

Os filhos de Deus estarão selados até o dia da redenção (Efésios 4.30). Paulo poderia apresentar algo além da preservação dos crentes até o retorno do seu Senhor, e em qual momento eles receberiam a glorificação? Note que este selo está tão seguro que em vez de ameaçar os Efésios falando da perda da segurança, Paulo incita-os à santidade devido a própria segurança.

6.1. O selo

Em Efésios 1.13, entendemos que o próprio Espírito Santo é o selo. Esse é um fato importante porque alguns tentam ensinar que nós estamos selados pelo trabalho do Espírito, ao invés da presença da sua pessoa.

6.2. A natureza do selo

Aqueles que ensinam que o crente está selado por um trabalho especial do Espírito fazem com que Ele seja um selo experimental (capaz de ser experimentado). Eles confundem o "selar com o Espírito Santo" com o Seu trabalho na santificação e na segurança do crente. A Bíblia por outro lado nunca descreve o selo como uma experiência. O Espírito pode produzir experiências Cristãs, mas a sua presença é o selo. O ser selado com o Espírito não deve visto como uma experiência pessoal.

6.3. O objetivo do selo

Se nós confundirmos o selo com a segurança então devemos acreditar que os crentes fracos ainda não foram selados. A Bíblia assume o selo de todo o crente (2Coríntios 1.22, Efésios 1.13 e 4.30). Isso é confirmado pelo fato de que ninguém é instruído a buscar o selo. Isso ainda é visto como um fato para todos os crentes regozijarem.

6.4. O propósito do selo

São selados os cristãos para que sejam seguros. O selar é a base, não o conhecimento da segurança. O Espírito Santo é um selo maravilhoso por Seu poder (1João 4.4), e por Seu trabalho na salvação assegurando-nos que nunca nos deixará (Filipenses 1.6; João 7.38-39; 4.14; 14.16).

6.5. O tempo de ser selado

Os crentes são selados quando eles recebem o Espírito. Isto acontece quando eles confiam em Cristo (Gálatas 3.14, João 7.38-39; Efésios 1.14).

7. O ESPÍRITO SANTO COMO UM PENHOR

Provando a nossa segurança o Espírito Santo não é visto somente como um selo mas também como o penhor (garantia) da nossa herança (Efésios 1.13-14, 2Coríntios 1.22 e 5.5). Um penhor é um pagamento que nos dá fundamento e confiança nas intenções do fornecedor.

Um penhor é parte do todo. Nosso Salvador morreu para comprar para nós todas as bênçãos espirituais (Efésios 1.3). Pela fé nós recebemos o Espírito Santo como um presente cortês que vem a nós pelo trabalho de Cristo (Atos 2.32-33; João 7.39).

Um penhor é uma promessa da existência de um futuro. O penhor é uma promessa de que será efetuado o restante da compra ou será pago o seu preço ou o preço. Nosso Salvador comprou uma herança maravilhosa para nós (1Pedro 1.3-4). Isto inclui um corpo glorificado e uma casa no céu. Nós podemos estar assegurados de que por nós temos o Espírito o restante da nossa herança está segura até que venha a nós (Efésios 1.13-14, Romanos 8.23). Uma vez determinado o penhor o doador não pode voltar atrás. Chamando o Espírito de “penhor” Deus oferece-nos a garantia da Sua intenção, que é glorificar o Seu povo.

8. O RELACIONAMENTO COM O ESPÍRITO SANTO

Nenhuma experiência pessoal de profundidade com o Espírito Santo pode ser dogmatizada. Nenhum conhecimento ou experiência com o Espírito de Deus dever bloquear o exercício do amor, provocando distanciamento entre cristãos e cristãos. Ninguém é mais do que alguém neste assunto, já que somente o Espírito Santo é pessoa capaz de interpretar-se a si mesmo. Nenhum ensino sobre o Espírito Santo que contrarie a Bíblia tem qualquer validade. Nenhuma realidade na vida humana do salvo, tais como intelectualidade, curso de seminário teológico, lideranças eclesiais, experiência ministerial, anos de conversão - nada disso contribui autoridade infalível sobre o assunto Espírito Santo (1Coríntios 1.17,19; 2.4-5).

Ninguém dá a última palavra sobre o Espírito Santo, a não ser Ele próprio (1Coríntios 2.10-12). Aquele que julga os irmãos em Cristo e deles se afasta por divergências da opinião a respeito do Espírito Santo, revela sua própria ignorância e limitação espiritual (João 1.6-7; 2.9-11; Romanos 13.8; 14.3,10,13; Efésios 4.2-6).

Só se pode aprofundar no relacionamento com o Espírito Santo:

- a) Quem já teve genuína experiência de conversão (posição correta em Cristo);

- b) Deseja continuamente algo mais de Deus em sua vida (interesse perseverante);
- c) Conhece experimentalmente a morte diária na cruz (esvaziamento total);
- d) Busca tomar posse do poder da ressurreição (autoridade na vida interior),
- e) Tem por único objetivo a glória de Deus (revelação interior);
- f) Não conhece em sua vivência diária outro Senhor a não ser o Senhor Jesus (libertação interior);
- g) Penetra praticamente na consciência da vida corporativa de Cristo Jesus (realidade de participação).

O relacionamento profundo com o Espírito Santo não é obra exterior - para ser reconhecido no corpo físico - com sensações, não é para destaque pessoal - ser visto por todos como uma pessoa espiritual, não é para vitórias humanas: posição, elogios, prosperidade e não é para conhecimento teórico.

Sensações, agitações, trabalho na Igreja nem sempre significam experiências profundas com Deus (1Coríntios 4.20; 2Coríntios 4.18). Experiências profundas com o Espírito de Deus nem sempre produzem contentamento pessoal e apoio geral. O contrário, muitas vezes, é realidade (Romanos 8.23; 2Coríntios 4.6-10,17; 5.2-5; 2Timóteo 3.12). Relacionamento profundo com o Espírito Santo nunca visa: destaque, elogios, prosperidade - mas despojamento, pois, relacionamento profundo com o Espírito Santo sem afastamento do pecado é ilusão (Romanos 6.2,6,11-12; Gálatas 5.16).

Portanto, relacionamento profundo com o Espírito Santo é experimentar vitória interior sobre o pecado e sobre o ego, gozar tranqüila e segura intimidade com Deus no Espírito sem objetivos externos, cooperar com o Espírito Santo em submissão total e voluntária e encontrar-se em Deus totalmente.

9. OPERAÇÕES HISTÓRICAS DO ESPÍRITO SANTO ENTRE OS HOMENS

1. A operação do Espírito Santo, nos tempos do Antigo Testamento, era equivalente ao que sucede no período do Novo Testamento, pelo menos em termos gerais, excetuando o fato de que ele então não habitava permanentemente no crente, conforme sucede aos crentes do Novo Testamento. No Antigo Testamento apenas homens profundamente espirituais como reis (ou juízes), profetas e sacerdotes demonstravam possuir o dom do Espírito Santo por tempos mais dilatados que o comum.

2. Durante a vida terrena do Senhor Jesus, a operação do Espírito Santo era uma marca registrada de seu ministério para com os homens: “*Então voltou Jesus para a Galiléia no poder do Espírito; e a sua fama correu por toda a circunvizinhança.*” (Lucas 4.14; cf. Atos 10.38).

3. Quando do encerramento de seu ministério terreno, Jesus prometeu que Ele mesmo rogaria ao Pai, a fim de que o dom do Espírito Santo fosse também concedido aos seus seguidores (João 14.16-17).

4. Na noite do dia em que ressuscitou, Cristo deu aos seus discípulos, no cenáculo, um bafejo preliminar do Espírito Santo, como promessa e garantia do dom mais completo que se seguiria, ao soprar sobre eles provavelmente no mesmo cenáculo (João 20.22).

5. No dia de Pentecoste, o Espírito Santo desceu sobre todos os que estavam reunidos no mesmo cenáculo, em um total de cerca de 120 pessoas (Atos 1.15). Não há de se duvidar que essa dádiva do Espírito Santo envolveu mais que os apóstolos, segundo fica subentendido no trecho de Atos 2.14-17 e Joel 2.28-32.

6. O restante da história diz respeito a como esse dom se expandiu a ponto de abarcar todos os povos; tanto aos judeus (evidentemente através da imposição de mãos, como método principal – ver Atos 8.17 e 9.17) como aos gentios (sem imposição de mãos, mas assim exerceram fé – ver Atos 10.44 e 11.15-18).

10. A NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo não é uma força impessoal. A Bíblia deixa claro de várias maneiras que o Espírito Santo é uma pessoa distinta do Pai e do Filho e não uma mera influência ou operação divina, e, portanto dotado de intelecto, emoção, autoconsciência e autodeterminação.

O Espírito Santo é um ser vivo, dotado de personalidade própria, não sendo meramente uma influência ou emanção de Deus. Antes, é uma pessoa, claramente divina, que faz parte da trindade da divindade (Ver João 14.16-17,26; 16.7-15 e Mateus 28.19).

O pronomes pessoais aplicados ao Espírito Santo são masculinos (João 15.26; 16.7,8,13,14), muito embora o vocábulo grego πνεῦμα (pneuma) seja substantivo neutro. O termo masculino παράκλητος (parákletos) é aplicado ao Espírito Santo (João 14.16-17) como sendo outro Consolador igual a Cristo.

O Espírito Santo possui características pessoais como inteligência (1Coríntios 2.10-11; Romanos 8.27), vontade (1Coríntios 12.11), amor (Romanos 15.30), bondade (Neemias 9.20) e tristeza (Efésios 4.30; Isaías.63.10).

Além de características pessoais o Espírito Santo também possui atos pessoais: Ele investiga minuciosamente (1Coríntios 2.10), Ele fala (Apocalipse 2.7; Gálatas 4.6; João 15.26), Ele intercede (Romanos 8.26), Ele ensina (João 14.26), Ele guia (João 16.12-14; Neemias 9.20), Ele chama (Atos 13.2; 20.28).

11. IMPLICAÇÕES DA DOUTRINA DO ESPÍRITO SANTO

1) O Espírito Santo é uma pessoa, não uma força vaga. Portanto, ele é alguém com quem podemos ter um relacionamento pessoal, alguém a quem podemos e devemos orar.

- 2) O Espírito Santo, sendo plenamente divino, deve receber a mesma honra e respeito que dispensamos ao Pai e ao Filho. É apropriado adorá-lo como adoramos a eles. Não se deve pensar que ele seja em algum sentido inferior a eles em essência, embora seu papel esteja às vezes subordinados ao deles.
- 3) O Espírito Santo é um com o Pai e o Filho. Sua obra é a expressão e a execução do que os três planejaram juntos. Não há tensão entre as três pessoas ou suas atividades.
- 4) Deus não está distante. No Espírito Santo, o Deus Triúno chega perto de nós, tão perto que, de fato, entra em cada pessoa que crê. Deus é até mais íntimo de nós agora que na encarnação. Por meio da operação do Espírito, ele de fato torna-se o Emanuel, “Deus conosco”.
- 5) O Espírito Santo é livre para agir da maneira que quiser. Mas Ele nunca fará nada que contrarie Sua Palavra. Nenhum ato do Espírito Santo poderá ser contrário à Sua natureza e aos Seus atributos divinos “*porque Deus não é Deus de confusão, mas sim de paz.*” (1Coríntios 14.33).

12. OS NOMES DO ESPÍRITO SANTO

No Antigo Testamento o Espírito Santo era mais conhecido como sendo o “Espírito de Deus”. Já nas páginas do Novo Testamento o Espírito Santo é chamado de:

a) Espírito de Deus	Romanos 8.14
b) Espírito de Cristo	Romanos 8.9
c) Espírito do Pai	Mateus 10.20
d) Espírito do Senhor	2Coríntios 3.17
e) Espírito Santo	Atos 2
f) Espírito de sabedoria e revelação	Efésios 1.17
g) Espírito de poder, de amor e bom senso	2Timóteo 1.7
h) Espírito de adoção ou de oração	Romanos 8.15
i) Espírito de santificação	Romanos 1.4
j) Espírito de vida	Romanos 8.10
k) Espírito de mansidão	1Coríntios 4.21
l) Espírito de consolo	Atos 9.31
m) Espírito da glória	1Pedro 4.14
n) Espírito de selagem, garantia da vida eterna	Efésios 1.13-14
o) Espírito de todas as bênçãos carismáticas cristãs	1Coríntios 12.4
p) Espírito da verdade	João 14.27; 15.27; 16.13
q) Παράκλητος (Parákletos = Consolador)	João 14.16

13. RELAÇÃO ENTRE CRISTO E O ESPÍRITO SANTO

Cristo fala	O Espírito Santo reage
Cristo morreu pelos pecadores perdidos	O Espírito Santo vive no pecador salvo
Cristo ensina	O Espírito Santo lembra o ensino
Cristo veio para o mundo	O Espírito Santo veio para o salvo
Cristo humilhou-se na encarnação e morte de cruz	O Espírito Santo humilha-se no dia-a-dia do salvo
Cristo tem um corpo humano	O Espírito Santo usa o corpo humano do salvo
Cristo revela	O Espírito Santo faz o salvo entender
Cristo revela o Pai	O Espírito Santo glorifica o Filho
Cristo veio e voltou	O Espírito Santo veio para ficar

14. A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO

Muitas vezes é difícil identificar o Espírito Santo dentro do Antigo Testamento, pois este reflete os primeiros estágios da “revelação progressiva”. Aliás, o termo “Espírito Santo” é raramente empregado nele. Antes, a expressão usual é, como vimos anteriormente, “Espírito de Deus” (um sinônimo para a expressão “Espírito Santo”). No Antigo Testamento o Espírito Santo é visto como uma Pessoa que:

- a) É divina, dotada de atributos divinos (Gênesis 1);
- b) Compartilhou da obra da criação, o que nos pode dar a entender a sua onipotência (Gênesis 1.2; Jó 26.13; Salmo 104.30);
- c) É dotado de onipresença (Salmo 139.7);
- d) Testifica aos homens no tocante ao pecado e à justiça (Gênesis 6.3);
- e) Age como agente iluminador do entendimento humano (Jó 32.8);
- f) Dota os homens de poder (Êxodo 28.3; 31.3);
- g) Aparece como o Espírito de sabedoria (Juízes 3.10-6.34; 11.29; 13.25);
- h) Inspira as declarações divinas e as profecias (Números 11.25; 2Samuel 23.2);
- i) É um agente que ajuda os servos de Deus (Salmo 51.2; Joel 2.23; Miquéias 3.8; Zacarias 4.6);
- j) Possui os atributos de sabedoria, entendimento, conselho, poder, bondade, conhecimento e inspira o temor de Deus (Isaías 11.2).
- k) Influencia e vem habitar nos homens em ocasiões especiais, para realizar propósitos especiais, não o fazendo permanentemente (Salmo 51.11).

15. A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento o Espírito Santo é visto como uma Pessoa que:

- a) Em relação a Cristo, o Espírito Santo é visto na concepção de Maria (Mateus 1.18-20), é visto como aquele que ungiu e fortaleceu a Cristo, quando de seu batismo, para que ele pudesse dar início a sua missão especial como o Messias.

O Espírito Santo também é visto como agente capacitador de Cristo em seu labor, maneira andar e serviço (Lucas 4.1,14), como a força ressuscitadora (Romanos 8.11) e, desde então até o presente, Ele é visto a realizar a obra de Cristo, como sua testemunha poderosa (João 15.26; 16.8-14).

- b) Em relação a todos os homens o Espírito Santo é visto como uma “força influenciadora universal”, testifica sobre o pecado, a retidão e a julgamento. Ele controla o mal que ha no mundo e convence os homens do pecado, atuando sobre todos os homens através de sua influência, personalidade e presença (João 16.7-11). Podemos supor que o mundo seria intoleravelmente mau, não fora a influência do Espírito Santo, que constringe a iniquidade inerente nos homens.
- c) Em relação a igreja, o Espírito Santo é visto como o único que pode regenerar a uma alma, mediante seu toque operador e transformador (João 3.3-5). Todos os crentes, portanto, devem possuir o Espírito (Romanos 8.9), ainda que a sua influência varie grandemente de um crente individual para outro, dependendo isso exclusivamente de como cada crente permite que o Espírito Santo o controle (Atos 2; Efésios 1.13-14; 5.18). É igualmente o Espírito Santo que forma a unidade da igreja, em um corpo (Mateus 16.18; Hebreus 12.23 e 1Coríntios 12.12-13, o que pode ser chamado de “batismo”, ainda que não se trate de um batismo da mesma natureza com que o crente individual pode ser batizado). E é desse modo que a igreja se torna o templo do Espírito, seu lugar especial de manifestação (1Coríntios 3.16-17). A presença habitadora do Espírito Santo, entre os crentes, deve ser contínua e perpétua (João 14.16).

16. OS SÍMBOLOS DO ESPÍRITO SANTO

Azeite (João 3.34; Hebreus 1.9)	Água (João 7.38-39)
Vento (Atos 2.2 e João 3.8)	Fogo (Atos 2.3)
Pomba (Mateus 3.16)	Selo (Efésios 1.13; 4.30)
Penhor ou Garantia (Efésios 1.14)	

17. O LIVRO DE ATOS NÃO SERVE À CONSTRUÇÃO DE FÓRMULAS TEOLÓGICAS

O livro de Atos – como o próprio nome diz – é um livro de atos, de experiências, não de doutrinas. E atos, experiências, não são padronizáveis, não podem ser absolutizados na sua forma: só doutrinas têm tal possibilidade. Se fôssemos erguer doutrinas com base em Atos, imagine que doutrinas – como a da conversão – ganhariam um lugar sem precedentes na vida e na experiência de Paulo. Porque se há uma experiência de conversão extraordinária, em Atos, esta é a do apóstolo Paulo: “... *subitamente uma luz*

do céu brilhou ao seu redor e, caindo por terra ouviu uma voz (...) e ficou cego (...)”. Baseado nisso poderíamos pregar sobre “os sintomas e as evidências da conversão”, no qual afirmariamos o seguinte: “o homem convertido é aquele que viu uma luz no céu – mais precisamente ao meio-dia (não valeria às 6 da manhã, às 10, ou às 11 horas) – ouviu uma voz e ficou cego três dias”.

Se a conversão de Paulo virasse um padrão doutrinário-experiencial iria criar duas realidades: um grande grupo de neuróticos procurando viver, sentir e produzir os mesmos fenômenos de conversão; e um grupo de mentirosos afirmando que experimentaram tais fenômenos. Precisamos tomar muito cuidado, pois transformar experiências em padrões doutrinários pode gerar uma catástrofe.

Portanto, o livro de Atos nos impossibilita de fazer qualquer construção de uma fórmula teológica sobre como se recebe os dons do Espírito Santo. Ele não oferece doutrinas, apenas relata experiências, e estas não obedecem a um padrão. Prova disso são aquelas relacionadas com o recebimento do Espírito Santo. Observe o seguinte. Com os discípulos de Jesus e os cento e vinte que receberam o Espírito Santo no dia de Pentecoste, qual foi o caminho de fé que eles tinham percorrido até aquele momento? Em primeiro lugar, ele nutriam fé em Jesus, e isso desde o ano inicial do seu ministério (Atos 1.13-22). Eles haviam sido batizados — ou por João Batista, ou no começo do ministério de Jesus; foram discipulados por Jesus durante três anos, e no dia de Pentecoste receberam o Espírito Santo. Nesse mesmo dia três mil pessoas creram na pregação de Pedro. E o que lhes aconteceu? Pedro os convidou a receber o mesmo dom que haviam recebido (Atos 2.38). E qual foi a seqüência espiritual, até receberem o Espírito? Arrependimento, batismo, e a promessa do Espírito Santo. E o que diz Atos 2.38: “Arrependei-vos (...) cada um de vós seja batizado (...) e recebereis o dom do Espírito Santo”. Assim, trata-se de urna ordem de fatos totalmente diferente da dos doze discípulos ou dos cento e vinte da manhã de Pentecoste.

A doutrina do Espírito Santo tem que ser erguida com base nas cartas doutrinárias, não em Atos. Em primeiro lugar não podemos construir doutrinas em Atos e confirmá-la nas cartas. O contrário é que é o certo. Em Atos há somente fatos, não a interpretação teológica deles.

18. DIFERENÇA ENTRE TALENTOS E DONS

Talentos são habilidades naturais herdadas ou adquiridas. É algo inato. A palavra “talento”, do latim *talentum*, denota “*inclinação, desejo de fazer, de realizar*”. O termo serve como sinônimo para a “capacidade de criar, produzir com arte”, bem como para a “habilidade para realizar determinada atividade”. Os talentos nascem com o indivíduo e podem ser desenvolvidos com estudo, dedicação e persistência. Porém, quando o talento não é conhecido, não é possível desenvolvê-lo, ou seja, ele se transforma em um recurso inutilizado ou subutilizado.

Não devemos confundir a palavra “talento” com o termo “talento” registrado na parábola de mesmo nome (a ‘parábola dos talentos’, cf. Mateus 25.15-30). No texto bíblico, a palavra “talento” vem do

grego τάλαντον (*tálanon*) e significa “*balança*”, “*peso arredondado*”, “*soma de dinheiro*” em ouro, prata, bronze ou ferro. No Antigo Testamento cada talento, do hebraico כִּכָּר (*kikkar*), era equivalente a 20,4kg de um desses metais. Depois passou a ser uma unidade monetária que equivalia a 6.000 denários (um denário era a diária de um trabalhador rural). Ou seja, o talento era uma unidade de medida. O talento judaico era equivalente a 34 quilos de alguma coisa – normalmente prata. Sendo assim, no contexto específico do texto bíblico citado acima, talento nada tem a ver com as habilidades ou qualidades pertencentes a alguém.

Os talentos diferem dos dons, que são ofertados. O termo “dom”, do hebraico מַתָּת (*mattath*), significa “*dádiva, oferta, presente*”. No Novo Testamento o vocábulo “dom”, do grego χάρισμα (*charísma*), significa “*efeito, resultado, fruto*” [da Graça de Deus]. O vocábulo “graça” por sua vez, vem do grego χάρις (*charís*), e denota “*favor que alguém recebe sem qualquer mérito próprio*”. No caso dos dons espirituais, eles são virtudes que distinguem certos cristãos e os capacitam a servir a Igreja de Cristo. O dom não pode ser comprado ou adquirido por méritos próprios. É tão somente fruto da Graça.

Os talentos e dons espirituais diferem entre si em para quem são dados e quando. Uma pessoa – independentemente de sua crença em Deus – recebe talento natural como resultado de uma combinação da genética (alguns têm a habilidade natural para música, arte ou matemática) e ambiente (crescendo em uma família musical vai ajudar o desenvolvimento do talento em música), ou simplesmente porque Deus quis favorecer certas pessoas com certos talentos (por exemplo, Bezalel em Êxodo 31.1-6). Mesmo que exista algum componente genético, qualquer talento depende de três atitudes para atingir sua plenitude: treinamento, disciplina e perseverança. Os dons espirituais são dados aos cristãos pelo Espírito Santo (cf. Romanos 12.3, 6) no mesmo tempo em que colocam sua fé em Cristo para obter perdão de seus pecados. Naquele momento, o Espírito Santo dá ao novo crente os dons espirituais que deseja que aquele crente tenha (cf. 1Coríntios 12.11).

Para resumir as diferenças entre dons espirituais e talentos, podemos afirmar que **talento é resultado de genética e/ou treinamento, enquanto que o dom espiritual é resultado do poder do Espírito Santo**. Talvez essa afirmação produza certa confusão na mente de algumas pessoas pelo fato delas, na maioria das vezes, erroneamente substituírem o termo “talento” pela expressão “dom natural” – sendo que a proposição correta é “habilidade natural”.

Qualquer pessoa, cristã ou não, pode possuir certo talento enquanto que apenas os cristãos possuem dons espirituais. Embora ambos, talentos e dons espirituais, devam ser usados para a glória de Deus e para ministrar uns aos outros, os dons espirituais se focalizam nesses serviços apenas, enquanto que os talentos podem ser usados para objetivos completamente não espirituais.

No inconsciente coletivo das pessoas que se dizem evangélicas, comumente se opera a ideia de que **nós precisamos buscar o Espírito Santo o tempo inteiro**. Da mesma forma é difundida a ideia de que

nós precisamos entrar constantemente na presença de Deus – uma contradição pois, só entra na presença de Deus, quem está fora dela. Isso porque não dá para entrar já estando dentro. Como podemos buscar o Espírito Santo se Ele já habita em nós (cf. Romanos 8.9, 11; 1Coríntios 3.16; 6.19)? Além disso, precisamos aprender que não se entra e sai da presença de Deus, mas se anda e se vive na presença dEle. Não se busca o Espírito Santo, mas se tem, porque Ele está habitando em nós.

No dom espiritual sentimos a ação do Espírito Santo operando em nós, por nós e através de nós. Sentimos, ao realizar aquilo que é dom, que as forças não são nossas e por isso não nos enfadamos ou desanimamos; percebemos que é Deus quem está agindo e que nada poderíamos fazer sem Ele. Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis (cf. Romanos 11.29). Porém, quando o crente está em pecado, em rebeldia, ele não conseguirá desenvolver plenamente o seu dom. Ele pode continuar fazendo tudo na obra, menos usar com eficácia o poder de Deus. O dom sem união se torna apenas em uma habilidade que não produz vida.

19. OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo concede certos dons especiais aos crentes dentro do corpo de Cristo. Nos escritos de Paulo, há três listas distintas de tais dons; existe também uma lista breve em 1Pedro. Alguns desses dons referem-se à algumas funções básicas exercidas na igreja. Outros dons referem-se à habilidades especiais. Não fica claro, porém, se esses dons são dados desde o nascimento ou se são capacitações recebidas em algum momento posterior ou ainda uma combinação de ambos. Além disso, alguns dons, tais como fé e serviço, são qualidades ou atividades que se esperam de todos os cristãos.

Um ponto muito importante a se considerar é já que nenhuma das listas inclui todos os dons encontrados nas outras listas, pode-se entender que, em conjunto, não esgotem todos os dons espirituais possíveis. Essas listas, portanto, em separado ou em conjunto, são ilustrações dos vários dons que Deus tem concedido à igreja. Logo abaixo vemos as listas com os dons do Espírito Santo:

Romanos 12.6-8	Profecia, ministério, ensino, exortação, contribuição, liderança, misericórdia
1Coríntios 12.4-11	Sabedoria, conhecimento, fé, cura, operação de milagres, profecia, discernimento de espíritos, variedades de línguas, interpretação de línguas
Efésios 4.11	Apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres
1Pedro 4.11	Falar, servir

É vedado o acréscimo de outros “dons”, bem como suas respectivas nomenclaturas, se esses “dons” não forem ratificados e referendados explicitamente por alguma passagem bíblica doutrinária. Não podemos nos esquecer da instrução deixada pelo apóstolo Paulo, de que não devemos “*ir além do que está escrito*” (cf. 1Coríntios 4.6). Por exemplo: ao contrário do que é amplamente difundido por aí,

não existe “dom de orar”, uma vez que, segundo as Sagradas Escrituras, o ato de orar não é dom, mas mandamento dirigido a todo cristão (cf. 1 Tessalonicenses 5.17) e cuja prática pode – e deve – ser aprendida (cf. Lucas 11.1-4).

É muito importante que notemos algumas observações feitas pelo apóstolo Paulo, tanto sobre a natureza dos dons como sobre a maneira pela qual eles são exercidos. Essas observações aparecem em 1 Coríntios 12 e 14. Vejamos:

- 1) Os dons espirituais são concedidos para o corpo (a igreja). Eles são para edificação de todo o corpo, não meramente para o prazer ou o enriquecimento dos indivíduos que os possuem. Os dons do Espírito Santo são sempre usados para edificação e benefício de outra pessoa – com exceção do “dom de línguas” que recebe atenção especial do apóstolo Paulo no momento em que ele escreve à Igreja em Corinto (cf. 1 Coríntios 12.7; 14.5,12).
- 2) Nenhuma pessoa, sozinha, possui todos os dons espirituais (cf. 1 Coríntios 12.14-21), nem acontece de um dos dons ser concedido a todas as pessoas (cf. 1 Coríntios 12.28-30). Por conseguinte, os membros da igreja precisam uns dos outros, sendo mutuamente edificados.
- 3) Embora nem todos sejam notáveis, todos os dons espirituais são importantes para a edificação do Corpo de Cristo (cf. 1 Coríntios 12.22-26).
- 4) O Espírito Santo distribui os vários dons a quem lhe apraz (cf. 1 Coríntios 12.11).
- 5) Ser cheio do Espírito não é tanto uma questão de obter mais do Espírito Santo, mas de Ele possuir uma fatia maior da nossa vida.

20. O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO E O REVESTIMENTO DE PODER



Em primeiro lugar, vamos tratar da expressão correta do termo, pois muitas pessoas questionam sobre qual seria a expressão correta: “batismo **com** o Espírito Santo” ou “batismo **no** Espírito Santo”. A regência correta é com a preposição “com”: batismo **com** Espírito Santo. Do mesmo modo: batismo com água, batismo com fogo etc. Exemplos da Bíblia:

*“E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos batizará **com** o Espírito Santo, e com fogo.” (Mateus 3.11)*

*“E eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito, e sobre ele repousar, esse é o que batiza **com** o Espírito Santo.” (João 1.33)*

*“Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados **com** o Espírito Santo, não muito depois destes dias.” (Atos 1.5)*

Emprega-se a preposição “em” quando se quer determinar o lugar onde alguém é batizado. Por exemplo: batismo nas águas, batismo no rio, batismo na igreja etc. Exemplo: *“E eram por ele batizados **no** rio Jordão, confessando os seus pecados.” (Mateus 3.6).*

O batismo com o Espírito Santo conforme o Novo Testamento é teologicamente sinônima de regeneração e novo nascimento, sendo equivalente à obra da conversão. São terminologias sinônimas para definir o mesmo acontecimento. Você pode chamar a mesma experiência de novo nascimento, regeneração, conversão ou batismo com o Espírito Santo. São termos diferentes para descrever o mesmo acontecimento íntimo.

A segunda experiência que, pode ou não ser acompanhada pelo ato de falar em outras línguas, tratamos como sendo um “revestimento de poder”, do grego δύναμις (dýnamis), que permite ao homem testemunhar de Cristo com maior ousadia e autoridade:

*“E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais **revestidos de poder**.” (Lucas 24.49)*

*“Mas **recebereis poder**, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra.” (Atos 1.8)*

O revestimento de poder é algo marcante e inconfundível na vida do cristão. O episódio que ocorreu em Atos foi um evento único e serviu para que a Igreja se espalhasse pelo mundo (temos com exemplo disso os cretenses e os romanos).

Há um só batismo (em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo): *“Pois **todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.**” (1Coríntios 12.13).* Esse versículo define biblicamente o batismo com o Espírito Santo. É a obra do Espírito pela qual Ele une todos os cristãos no corpo vivo de Cristo. A palavra “todos” aqui é fundamental, pois, se não se é crente quem não seja batizado dessa forma, essa obra do Espírito Santo deve acontecer na conversão.

Os discípulos citados em Atos 19, não eram cristãos, mas sim, discípulos de João: *“E sucedeu que, enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, disse-lhes: Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós **nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo**. Perguntou-lhes, então: Em que sois batizados, então? E eles disseram: No batismo de João. Mas Paulo disse: Certamente João*

batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo. E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus. E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam.” (Atos 19.1-6)

Quando o texto fala de receber o Espírito Santo, **refere-se ao recebimento do Seu poder**: “*Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João, os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo. (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus.) Então, lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo.*” (Atos 8.14-17).

É preciso estudar a Bíblia tendo em mente uma visão panorâmica, pois não existem “Palavras” de Deus. A Bíblia é a Palavra do Espírito Santo. E o Espírito Santo não pode contradizer Ele mesmo.

A evidência de falar em línguas não pode ser imposta como regra (o Senhor Jesus andava sempre no poder do Espírito Santo e nunca falou em línguas): “*Ora, vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular. E a uns pôs Deus na igreja, **primeiramente**, apóstolos, em **segundo lugar**, profetas, em **terceiro**, doutores, **depois**, milagres, **depois**, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? São todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? **Falam todos diversas línguas? Interpretam todos?***” (1Coríntios 12.27-30)

A Igreja em Corinto dava muito valor aos dons espirituais (principalmente línguas e profecia) e desconsideravam o cultivo do amor, visto que havia dissensões entre eles: “*Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente. Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos... E ainda que tivesse o dom de profecia, ...*” (1Coríntios 12.31 / 1Coríntios 13.1-2)

Os exemplos bíblicos só têm autoridade quando amparados por uma ordem (mandamento) da própria Palavra. Existe uma regra hermenêutica que não pode ser quebrada: “**interprete a experiência pessoal à luz da Escritura, e não a Escritura à luz da experiência pessoal**”.

Deve haver certo julgamento por parte do cristão em relação ao falar em línguas: “*Mas, se todos profetizarem, e algum indouto ou infiel entrar, de todos é convencido, de todos é julgado. (...) E falem dois ou três profetas, e os outros julguem.*” (1Coríntios 14.24,29).

21. A GLOSSOLALIA

A palavra glossolalia, do grego γλωσσα (glossa = língua) + αλγία (algía = “grande desejo”, no sentido de “sentir dor física”, “estar aflito”, “inquieto”) é o termo que utilizamos, dentro do contexto

da teologia sistemática, ao analisarmos o chamado “dom de línguas”. E, em se tratando desse assunto, precisamos observar com atenção duas coisas:

- a) É preciso haver um equilíbrio entre a **ortodoxia** (crença correta) e a **ortopraxia** (ação correta). Só que muitas vezes isso se torna difícil para nós. Por exemplo: costumamos dizer “*hoje cheguei em casa mais cedo*”. Mas que o correto seria dizer: “*hoje cheguei à casa mais cedo*” (pois o verbo “chegar” indica movimento e, quem chega, sempre chega à algum lugar). Outro exemplo está no fato de chamarmos erroneamente os jabutis de “tartarugas” (isso porque todas as tartarugas são marinhas e não terrestres como aquelas que são criadas como animais domésticos).
- b) Precisamos aprender a pensar as epístolas em parágrafos: “*E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas **enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.***” (Efésios 5.18-20).

Todo este processo ocorre, como vimos, pela graça, do grego χάρις (charis), que é a raiz da palavra dom, do grego χαρισμα (charisma), e que significa efeito, resultado, fruto. É como a chuva que cai sobre todos. Precisamos apenas estar debaixo dela (da graça).

Quando estudamos a glossolalia, não podemos deixar de considerar que, no grego, a palavra “língua” possui dois vocábulos: γλωσσα (glossa = língua indecifrável) e διαλέκτω (dialékto = língua pátria, idioma). O apóstolo Paulo, em 1Coríntios 12 a 14, dá uma série de recomendações e exortações para o uso adequado da glossolalia.

22. IMPLICAÇÕES DA OBRA DO ESPÍRITO SANTO

- 1) Os dons que possuímos nos são concedidos pelo Espírito Santo. Devemos reconhecer que não são nossas próprias realizações. O propósito deles é que sejam usados no cumprimento de seu plano.
- 2) O Espírito Santo fortalece os crentes na vida e no serviço cristão. As incapacidades pessoais não devem nos deter nem desencorajar.
- 3) O Espírito Santo é sábio e soberano ao dispensar seus dons a igreja. A posse ou a ausência de determinado dom não é motivo de orgulho ou pesar. Seus dons não são prêmios para os que os buscam ou se qualificam para eles.
- 4) Nenhum dos dons é para todos e nenhuma pessoa possui todos os dons. A comunhão do corpo é necessária para o pleno desenvolvimento espiritual de cada cristão.
- 5) Podemos crer que o Espírito Santo nos dará entendimento da Palavra de Deus e nos guiará ao conhecimento da sua vontade para nós.

- 6) É correto dirigir orações ao Espírito Santo, assim como ao Pai e ao Filho, bem como ao Deus Triúno. Em tais orações devemos agradecer-Lhe pela obra singular que realiza em nós e, em especial, devemos pedir-Lhe que continue a realizá-la.

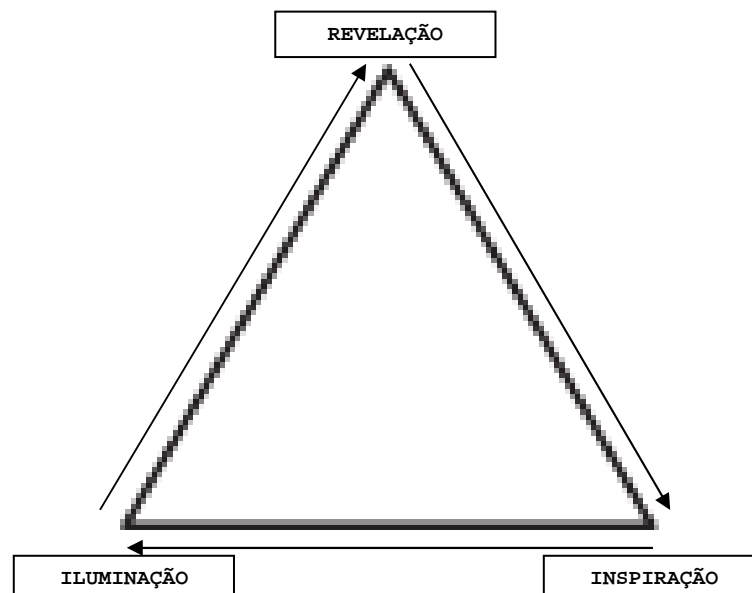
23. A TRÍADE DA REVELAÇÃO

Perguntaram, certa vez, a uma pregadora carismática como ela preparava suas mensagens. Ela respondeu: “Deus me revelou este sermão. Eu não preparo as mensagens que prego. Deus as entrega diretamente a mim”. Isto é perigoso, pois coloca o pregador acima da crítica e da avaliação. E é doentio, pois faz da pessoa um oráculo de יהוה (Yahweh), tornando conceitos humanos como divinos.

Para muitos pregadores, seus conceitos vieram de Deus. Creio que Deus nos ilumina ao prepararmos uma mensagem, mas não que ele nos inspira. Evitemos confundir conceitos. Uma citação feita por um teólogo brasileiro (chamado Werner Kaschel) nos ajuda a entender esses aspectos. Ele diz:

*“Três doutrinas vão sempre juntas, na inteligente apreciação do valor da Escritura: revelação, inspiração e iluminação. Para o autor (do texto bíblico) veio a **REVELAÇÃO**; para a Escritura que ele transmite veio a **INSPIRAÇÃO**; para o leitor que busca saber por meio dela a verdade e a vontade de Deus, virá, nas condições de espiritualidade, a **ILUMINAÇÃO**. O profeta e o apóstolo foram **MOVIDOS**. Suas Escrituras foram **INSPIRADAS**. Nós somos **ILUMINADOS**”.*

O gráfico abaixo reproduz o conceito do Dr. Werner Kaschel sobre a funcionalidade dos aspectos acima citados, os quais podem ser chamados de “tríade da Revelação”:



23.1. A revelação.

Revelação, do grego ἀποκάλυψις (apokalypsis = descobrimento, divulgação), significa “comunicação do conhecimento de Deus para a alma” e/ou “uma expressão da mente de Deus”. É o conteúdo da Bíblia apenas, não mais que isso. O mais é duvidoso (cf. Deuteronômio 29.29).

O conceito de revelação é um conceito relacionado à coisa revelada. Falar de revelação é falar daquilo que se torna perceptível, conhecido, declarado, mostrado, e que, antes desse fenômeno, não era perceptível, conhecido, declarado ou mostrado. Não se trata, ainda, do processo, mas da coisa em si.

O Cristianismo é uma religião revelada, isso quer dizer que nós conhecemos a Deus porque ele se dá a conhecer a nós. E não há outra forma de conhecê-lo ou à sua vontade. Assim, dispensar sua revelação, que para nós está na Bíblia, ou achar que Deus possa ser encontrado em outro lugar, como a natureza, é dispensar o conhecimento salvífico, de Deus. Logo, não podemos ir além da revelação de Deus, é inútil querer saber coisas às quais Deus não quis que conhecêssemos. Podemos tentar entender apenas o que está escrito, além disso é especulação. Como Jesus no episódio da tentação no deserto, devemos nos ater ao “está escrito”. Tanto quanto possível, a Escritura deve guiar os nossos pensamentos sobre Deus e não o contrário. Deus é o que Ele diz que é, e não o que achamos que Ele seja.

23.2. A inspiração.

Inspiração, do grego θεόπνευστος (theópneustos = soprado por Deus), significa “soprado para fora, da parte de Deus”. É a ação supervisionada por Deus sobre os autores humanos da Bíblia, de modo que usando de suas próprias personalidades e estilos, registraram “sem erros” as palavras da revelação de Deus ao homem (cf. 1 Tessalonicenses 2.4).

A inspiração, em sentido restrito, significa o fenômeno pelo qual Deus habilitou o profeta a comunicar de forma confiável e precisa o conteúdo da revelação. Assim, embora a inspiração das Escrituras não seja sinônimo de revelação, esta se apresenta intimamente relacionada com aquela. Inspiração é o impulso divino e a assistência pela qual a revelação previamente recebida possa ser própria e adequadamente transmitida e escrita. O profeta precisava fazer mais do que comunicar. Ele devia comunicar de maneira confiável e, portanto, dependia de Deus, tanto para receber como para transmitir o que lhe era comunicado. Aqui estamos diante de um mistério extraordinariamente profundo, em que as palavras humanas se tornam a Palavra de Deus. Devido à inspiração, o produto da atividade dos autores bíblicos transcende aos poderes humanos e torna-se o veículo da autoridade divina.

Em 2 Timóteo 3.16, o apóstolo Paulo diz: “*Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça.*”. A primeira parte da sentença está muito bem traduzida para o português, de modo que dificilmente pode ser substancialmente melhorada. No entanto, a palavra específica “inspirada” não ajuda muito na compreensão do sentido original e das reais intenções do escritor sagrado, pois o adjetivo assim traduzido θεόπνευστος

(theópneustos) significa soprado **para fora**, e não soprado **para dentro**, da parte de Deus – divinamente expirado e não inspirado.

O pensamento envolvido não é que Deus sopra por meio das Escrituras, ou que as Escrituras soprem Deus por meio de suas páginas, mas antes, é que Deus é soprado pelas páginas das Escrituras. As palavras de Paulo significam não que a Escritura é inspiradora (ainda que isso seja verdade), mas sim, que a Escritura é um produto divino, e que, portanto deve ser reputada e examinada como tal.

23.3. A iluminação.

Iluminação, do grego φωτίζω (phōtizō = “dar luz, brilhar”), é usado metaforicamente acerca de “esclarecimento” espiritual (cf. Efésios 1.18; Hebreus 6.4; 10.32). É o ministério do Espírito Santo que esclarece as verdades reveladas na Bíblia. Trata da compreensão e entendimento da palavra inspirada por Deus. Torna-se imprescindível a oração. É importante saber que a Bíblia original não possui erros, mas as traduções podem causar divergências de idéias.

A iluminação não nos traz uma verdade nova, mas nos faz entender a verdade bíblica. E a iluminação não produz um oráculo divino, mas uma interpretação humana. As interpretações humanas estão sujeitas, e assim sofrem influência, aos intérpretes. O sermão é uma peça humana, produto de uma mente iluminada por Deus, mas sujeita a uma visão cultural do intérprete.

Em sua primeira carta à Igreja em Corinto o apóstolo Paulo diz: “*Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.*”. (1Coríntios 2.14).

Este homem natural é o homem não regenerado na sua melhor forma, é o homem a quem a filosofia grega elogiava. O homem referido aqui é aquele educado no alto de seus poderes intelectuais, mas destituído do Espírito de Deus.

Este homem, cujo poder de compreensão está limitado ao exercício de sua razão, não admite estas coisas espirituais em seu coração. A razão desta rejeição é que elas são loucura para ele.

Paulo afirma a impossibilidade de conhecê-las, e a sua razão, porque elas se discernem espiritualmente. Já o crente controlado pelo Espírito investiga, pesquisa e examina a Bíblia e chega a uma apreciação e compreensão de seu conteúdo. O inquirir e o analisar da verdade espiritual são ações do Espírito Santo que ilumina a página sagrada da Escritura para o crente.

Portanto, inspiração, revelação e iluminação são palavras técnicas de caráter teológico. Têm conteúdo específico, e servem para tentar traduzir a forma como os respectivos conteúdos de cada uma delas devem ser compreendidos. Cada uma delas a seu modo pretende descrever um determinado processo.

BIBLIOGRAFIA

- BANCROFT, Emery H.. *Teologia Elementar; Doutrinária e Conservadora*. São Paulo: IBR, 1966. 43-45, 101, 109, 114-115, 118 p.
- CAIO FÁBIO, D'Araújo Filho. *Espírito Santo, o Deus que vive em nós*. 3. ed. São José dos Campos: CLC Editora, 1993. 176 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Trad. J. M. Bentes. 7. ed. São Paulo: Hagnos, 2004. 1037 p.
- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento – Volume II (N-Z)*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1531-1532 p.
- DOUGLAS, J.D.. *O novo dicionário da Bíblia*. Trad. João M. Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680 p.
- ERICKSON, Millard J.. *Introdução à Teologia Sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.
- PETERSON, Eugene H.. *A maldição do Cristo genérico: a banalização de Jesus na espiritualidade atual*. Trad. Suzana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. 398 p.
- VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.